



XXVII ENFERMAIO

Enfermagem e
Bem viver: os caminhos para a
saúde da população em territórios
fragmentados

Realização:



Apoio:



COMPORTAMENTO SEXUAL DE ACADÊMICOS DA SAÚDE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Jéssica Moura Barbosa da Silva¹

Carla Viviane de Meneses Oliveira²

João Thadeu da Silva³

Sandy Safirah Tomé Dias⁴

Tiago Augusto Cavalcante Oliveira⁵

Saiwori de Jesus Silva Bezerra dos Anjos⁶

TRABALHO PARA PRÊMIO: GRADUAÇÃO - EIXO 3: ENFERMAGEM EM SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO

RESUMO

INTRODUÇÃO: Os comportamentos sexuais de risco, sobretudo as relações sexuais desprotegidas, manifestam-se com maior frequência entre adolescentes e adultos jovens. Isso ocorre, principalmente, devido às deficiências no processo de educação sexual com a juventude. **OBJETIVO:** Analisar o comportamento sexual de graduandos de enfermagem e medicina. **MÉTODO:** Trata-se de um recorte de uma pesquisa intitulada "Comportamento sexual de graduandos de enfermagem e medicina de uma instituição pública", com abordagem do tipo transversal, com direcionamento descritivo e de correlação. A coleta de dados se deu por meio de um questionário virtual. Os direitos humanos e aspectos éticos foram respeitados, mediante aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, sob o parecer de nº 6.060.206. **RESULTADO E DISCUSSÃO:** Participaram 203 graduandos, havendo prevalência de pessoas do sexo feminino, pardas, religiosas, com maior incidência de início da vida sexual aos 18 anos. Grande parte da amostra não utiliza nenhum método contraceptivo, caracterizando seu comportamento sexual como de risco. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** Ao final, percebe-se que acadêmicos da saúde participantes da pesquisa apresentaram comportamento sexual de risco quanto à prevenção das ISTs e o uso de métodos contraceptivos.

Palavras-chave: Comportamento sexual de risco; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Saúde Sexual.

1. Graduanda em Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará

2. Graduanda em Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará

3. Graduando em Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará

4. Graduanda em Enfermagem - Universidade Estadual do Ceará

5. Mestrando em Enfermagem - Universidade Federal de São Paulo

6. Doutora em Enfermagem. Programa de Pós-Graduação Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde. Universidade Estadual do Ceará

E-mail do autor: 1997jessica.moura@aluno.uece.br

INTRODUÇÃO

O comportamento sexual da humanidade passou por diversas mudanças ao longo do tempo, sendo moldado por fatores como a idade, nível de escolaridade, situação conjugal, religiosidade, moradia e características próprias da orientação sexual (Couto *et al.*, 2023).

No contexto mundial, uma das consequências advindas de tais comportamentos é a ocorrência diária de mais de 1 milhão de novos casos de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) curáveis em indivíduos entre 15 e 49 anos (OPAS, 2016). Já em nível nacional, pesquisas mostram o aumento da incidência de sífilis no Brasil, sendo a prevalência entre os jovens de 21 anos mais elevada em relação a outras faixas etárias (Freitas *et al.*, 2021).

Os comportamentos sexuais de risco (CSR), sobretudo as relações sexuais desprotegidas, manifestam-se com maior frequência entre adolescentes e adultos jovens, fase em que há a transição para o ambiente universitário no qual, introduz fatores que aumentam a incidência dos CSR, como a maior autonomia do indivíduo e uma diversidade de experiências interativas (Graf *et al.*, 2020). Além disso, acredita-se que estudantes universitários possuam uma autopercepção deficiente em relação à vulnerabilidade às ISTs, colaborando também para a adoção dos CSR (Spindola *et al.*, 2020).

A alta incidência desse comportamento vulnerável nesse grupo também se dá devido ao fato das deficiências do processo de educação sexual na juventude, privando-os de conhecimentos acerca da sexualidade/reprodução e repercutindo em atitudes como o uso irregular do preservativo, relacionamentos breves, troca frequente de parceiros e prática de relações sexuais desprotegidas (Miranda; Souza, 2020).

Tendo em vista esse cenário, o objetivo deste estudo é analisar o comportamento sexual de graduandos de enfermagem e medicina de uma universidade pública do Ceará.

MÉTODO

O estudo trata-se de um recorte de uma pesquisa intitulada "Comportamento sexual de graduandos de enfermagem e medicina de uma instituição pública". A pesquisa segue o tipo transversal, com direcionamento descritivo e de correlação, que significa a descrição de uma situação ou fenômeno sem uma referência temporal específica, não necessitando conhecer o tempo da exposição para que o efeito seja gerado. Os estudos observacionais, envolvem a observação de eventos naturais para registrar a exposição e o

desenvolvimento do desfecho de interesse entre os indivíduos envolvidos, sem a aplicação de intervenções ou modificações experimentais (Rouquayrol; Gurgel, 2018; Hochman *et al.*, 2005).

A pesquisa foi realizada na Universidade Estadual do Ceará e alcançou a amostra total de 203 estudantes, sendo 159 do curso de Enfermagem e 44 do curso de Medicina. Os critérios de inclusão foram estar regularmente matriculado em alguma disciplina da instituição e possuir mais de 18 anos, enquanto o critério de exclusão foi estar em licença ou matrícula institucional.

Os dados foram coletados por meio de um instrumento disponibilizado eletronicamente via *Google Forms* para alunos em aula presencial na instituição e com acesso à tecnologia, durante o período entre setembro e novembro de 2023. Caso encontrassem dificuldades tecnológicas, o instrumento também foi disponibilizado em formato impresso e recolhido na própria instituição.

O instrumento avaliou o comportamento sexual e reprodutivo dos universitários dos cursos de Enfermagem e Medicina e as variáveis incluíram dados sociodemográficos, acadêmicos e de saúde, bem como o número de parceiros sexuais nos últimos seis meses e o uso de preservativo nas relações nos últimos três e seis meses.

Os dados extraídos foram tabulados no Google Planilhas, ferramenta integrada ao formulários, a qual o sistema organizou automaticamente as variáveis em colunas e linhas, garantindo que cada variável estivesse corretamente atribuída e, após a finalização da coleta e tabulação, foram realizadas análises descritivas, com apresentação das frequências absolutas e relativas.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Ceará (UECE), com a aprovação do parecer de nº 6.060.206. Os princípios legais e éticos envolvidos pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) envolvendo a pesquisa com humanos foram respeitados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em relação a amostra 203 participantes do estudo, 151 indivíduos eram do sexo feminino (74,38%) e 52 indivíduos eram do sexo masculino (25,62%). Dentre estes, 151 identificam-se como mulheres cis (74,38%), 51 como homens cis (25,13%) e 01 como homem trans (0,49%). A etnia predominante foi a parda, com 94 respostas dos participantes (46,30%). Já sobre relacionamentos, 102 indivíduos (50,24%) afirmaram que estavam

envolvidos em um relacionamento amoroso/afetivo. Quanto à religião, destacou-se o catolicismo como a religião predominante entre os indivíduos, com 116 adeptos (57,15%).

A maioria dos participantes (12,31%) apresentava 21 anos. No total, 145 participantes (71,42%) declararam ter iniciado a vida sexual, sendo que 35 (24,13%) dos participantes afirmaram o início da vida sexual aos 18 anos. Observou-se que 100 participantes (49,26%) relataram ter tido um único parceiro sexual nos últimos 6 meses, enquanto 109 (53,69%) afirmaram manter uma parceria sexual fixa. Por outro lado, 36 participantes (17,73%) indicaram ter parceria sexual casual e 58 optaram por não fornecer essa informação, totalizando 28,58%.

Tabela 1. Distribuição da prática da atividade sexual de universitários da pesquisa. Fortaleza, Ceará, 2023.

ATIVIDADE SEXUAL	N	%
JÁ TEVE RELAÇÃO SEXUAL?		
Sim	145	71,42
Não ou não responderam	58	28,58
INICIOU COM QUE IDADE (ANOS)?		
14	7	4,82
15	14	9,65
16	19	13,1
17	26	17,93
18	35	24,13
19	15	10,34
20	6	4,13
QUANTAS PARCEIRAS SEXUAIS VOCÊ TEVE NOS ÚLTIMOS 6 MESES?		
0	18	8,86
01	100	49,26
02	16	7,88
03	08	3,94
04	04	1,97
05	01	0,49

07	02	0,98
09	01	0,49
18	01	0,49
Não informado	52	25,62
TIPO DE PARCERIA		
Fixa	109	53,69
Casual	36	17,73
Não informado	58	28,58

Fonte: Elaborado pelo autor.

Acerca do uso de preservativos na prática de atividade sexual, 111 participantes (54,67%) fizeram uso de preservativo na primeira relação sexual, entretanto, 41 participantes (20,19%) afirmaram que não utilizaram preservativo durante a primeira relação, adotando um comportamento de risco.

No que concerne sobre ISTs, 03 participantes relataram já terem tido alguma IST. Enquanto isso, 112 (51,18%) já submeteram-se a testagens rápidas para a detecção de ISTs, enquanto 91 (44,82%) afirmaram nunca terem realizado o teste. Ao serem questionados acerca do uso da PrEP (Profilaxia Pré-Exposição ao HIV) e PEP (Profilaxia Pós-Exposição ao HIV), 02 participantes (0,98%) afirmaram já terem utilizado PrEP e 03 participantes (1,47%) referiram ter utilizado PEP. No que tange a cobertura vacinal contra ISTs, 147 participantes (72,42%) afirmaram estar imunizados contra HPV e 201 participantes (99,01%) completaram o esquema vacinal contra Hepatite B. (TABELA)

Tabela 2. Distribuição dos graduandos segundo informações acerca de Infecções Sexualmente Transmissíveis. Fortaleza, Ceará, 2023.

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	N	%
JÁ REALIZOU TESTE PARA ISTs		
Sim	112	55,18
Não	91	44,82
QUANTAS VEZES REALIZOU O TESTE PARA IST NOS ÚLTIMOS 6 MESES		
Nenhuma	54	26,60
01	49	24,13

02	20	9,85
03	03	1,47
Não responderam	77	37,94
JÁ USOU PROFILAXIA PRÉ-EXPOSIÇÃO AO HIV		
Sim	02	0,98
Não	194	95,57
Não sabia que poderia ser feito prevenção com uso de medicação	07	3,44
JÁ USOU PROFILAXIA PÓS-EXPOSIÇÃO AO HIV		
Sim	03	1,47
Não	200	98,53
JÁ TEVE ALGUMA IST		
Sim	03	1,47
Não	200	98,53
JÁ FOI VACINADO PARA HPV		
Sim	147	72,42
Não	56	27,58
JÁ FOI VACINADO PARA HEPATITE B		
Sim	201	99,01
Não	02	0,99

Fonte: Elaborado pelo autor.

O grupo de jovens universitários participantes da pesquisa alocaram-se em uma faixa etária, predominantemente, de 21 anos, fazendo-se, também, a maioria do sexo feminino, contexto evidenciado ainda mais claramente na área da enfermagem. A grande presença feminina nesse grupo pode exercer influência nas relações estabelecidas e nas percepções relacionadas à saúde e à sexualidade.

Na amostra foi percebida uma diversidade étnica, religiosa e de relacionamentos afetivos. Observando-se um destaque da etnia parda e boa parte dos participantes entrevistados (50,24%) declararam estar em um relacionamento amoroso/afetivo. A religiosidade também foi uma variável de importante interpretação, uma vez que certas religiões adotam uma perspectiva repleta de tabus em relação à sexualidade, sobretudo

relacionado aos jovens, por enxergar a prática como um ato restrito ao matrimônio e para fins procriação e questões que envolviam o social e individual (BUSIN, 2018).

A população estudada apresentou uma ampla variação na idade de início da vida sexual, que foi de 9 a 24 anos, sendo que 17,93% iniciaram aos 18 anos. Isso levou o grupo a refletir sobre os fatores socioculturais envolvidos nesse padrão. Quanto aos relacionamentos afetivos, a maioria dos participantes (46,26%) teve apenas um parceiro nos últimos 6 meses, enquanto 53,69% mantiveram uma parceria sexual fixa. Além disso, 17,73% relataram ter tido parceiros sexuais casuais, o que levou o grupo a pensar sobre as diferentes formas de relacionamento, compreensão e expressão sexual na amostra. Um número significativo (28,58%) optou por não informar sobre seus parceiros sexuais, o que pode indicar uma sensibilidade ao tema ou nuances socioculturais.

Chamou atenção o fato de a maior parte da amostra não utilizar nenhum método contraceptivo. Contudo, dentre aqueles que utilizam algum método contraceptivo, observou-se uma significativa preferência para o uso de pílula anticoncepcional, seguido pelo uso apenas do preservativo e, por fim, a combinação combinada dos dois métodos. Com isso, ressalta-se a necessidade de fortalecimento da adesão às políticas públicas voltadas para à saúde sexual e reprodutiva com a ampla informação acerca da variedade de opções contraceptivas disponíveis, uma vez que a população analisada limitou-se a apenas dois métodos (Viera *et al.*, 2020).

A pesquisa constatou que 20,19% dos participantes não utilizaram preservativo na primeira relação sexual, um dado relevante, pois o uso do preservativo nesse contexto não só previne contra ISTs e gravidez indesejada, mas também influencia positivamente comportamentos sexuais saudáveis ao longo da vida. Estudos indicam que jovens que usam preservativo na primeira relação têm maior probabilidade de manter relações sexuais protegidas do que aqueles que não o fazem (Silva *et al.*, 2015).

A análise de dados salientou uma disparidade entre o comportamento preventivo frente à ISTs. É válido ressaltar que mesmo estudantes da área da saúde não estão imunes a comportamentos de risco. Isso ressalta a necessidade de abordagens educativas e contínuas dentro do espaço acadêmico (Nascimento *et al.*, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que acadêmicos da saúde participantes da pesquisa apresentaram comportamento sexual de risco quanto à prevenção das ISTs e o uso de métodos contraceptivos. Partindo disso, faz-se crucial reconhecer que mesmo estudantes da área da saúde não estão imunes a comportamentos sexuais de risco. Enfatizando, assim, a importância de desenvolver e fortalecer a adesão às políticas públicas de educação sexual voltadas para a comunidade acadêmica.

REFERÊNCIAS

COUTO, A.C.B. et al. Comportamento sexual dos estudantes do ensino superior. REAS. v. 23, n. 8, p. 1-9. 2023. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/13117>>. Acesso em: 08 de agosto de 2023

FREITAS, F.L.S. et al. Sífilis em jovens conscritos brasileiros, 2016: aspectos sociodemográficos, comportamentais e clínicos. Cadernos de Saúde Pública. v.37, n.8, p.1-13. 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/GpDYMf5qBW9H5rMp7mZwQqG/?format=pdf&lang=pt>> . Acesso em: 02 de novembro de 2023.

GRAF, D.D. et al. Comportamento sexual de risco e fatores associados em universitários de uma cidade do Sul do Brasil. Rev Saude Publica. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsp/a/WkRVZRqRqy438XxmvTcrznx/?lang=pt>> . Acesso em: 02 de novembro de 2023.

HOCHMAN, B. et al. Desenhos de pesquisa. Acta Cirúrgica Brasileira. v.20, n.2, p.1-8. 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/acb/a/bHwp75Q7GYmj5CRdqsXtqbj/?format=pdf&lang=pt>>. . Acesso em 20 de novembro de 2023.

MIRANDA, S.L.M; V, SOUZA E.M. Conhecimento dos adolescentes sobre métodos contraceptivos e assistência em saúde. Revista Interdisciplinar em saúde. v.7, n.1, p.775 - 91. 2020. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controlado_doencas_sexualmente_transmissiveis.pdf>. Acesso em 02 de novembro de 2023.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.paho.org/>>. Acesso em: 02 de novembro de 2023.

ROUQUAYROL, M.Z; GURGEL, M. Epidemiologia & saúde. 8. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2018. Acesso em: 17 de maio de 2023

SPINDOLA, T. Não vai acontecer: percepção de universitários sobre práticas sexuais vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis. Rev enferm UERJ. v.28. Rio de Janeiro. 2020. Disponível em : <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/enfermagemuerj/article/view/49912/35427>> . Acesso em: 02 de novembro de 2023.